



Características de Personalidade das Mulheres Vítimas de Violência Doméstica

Marjane Bernardy Souza¹, Maria Fernanda Silva da Silva², Renata Nunes Tavares³, Natasha Figueiró de Souza⁴,
Bruna Marcante Brana Rivas⁵, Clíssia Natani Machado Costa⁶, Joice Laine de Carvalho⁷

Resumo: Objetivo: Identificar características de personalidade das mulheres vítimas de violência doméstica. Método: Pesquisa qualitativa, realizada no ano de 2015, no município de São Jerônimo, Rio Grande do Sul, Brasil. Participaram quatro mulheres que sofreram violência doméstica, com idades variando entre 27 e 45 anos, avaliadas através da técnica de Rorschach, de acordo com Vaz (1997/2014). Resultados: Os principais achados atestam que todas as participantes da pesquisa apresentam prejuízo na capacidade de adaptação e dificuldades nos relacionamentos interpessoais. A capacidade de suportar conflitos e tensões está prejudicada pelas condições intelectuais, que está relacionada à percepção da realidade e as habilidades intelectivas. Apresentam, de acordo com os dados, componentes compatíveis com alguns transtornos de personalidade relacionados a características depressivas, obsessivas, de ansiedade e identidade de gênero. Conclusão: Os resultados apontaram que a violência doméstica deixa marcas profundas no psiquismo da mulher.

Palavras-chaves: Violência Doméstica, Personalidade, Técnica de Rorschach.

Characteristics of Personality of Women Victims of Domestic Violence

Abstract: Objective: To identify personality characteristics of women victims of domestic violence. Method: Qualitative research, held in the year 2015, in the city of São Jerônimo, Rio Grande do Sul, Brazil. Four women who suffered domestic violence were involved, aged between 27 and 45 years, evaluated through the Rorschach technique, according to Vaz (1997/2014). Results: The main findings attest that all participants in the survey present damage to the ability to adapt and difficulties in interpersonal relationships. The ability to withstand conflicts and tensions is impaired by intellectual conditions, which is related to the perception of reality and the intellectual skills. They present, according to the data, components compatible with some personality disorders related to depressive, obsessive, anxiety and gender identity characteristics. Conclusion: The results pointed out that domestic violence leaves deep marks on the woman's psyche.

Keywords: Domestic Violence, Personality, Rorschach technique.

¹ Graduação em Psicologia-Bacharelado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS-1991) e em Psicologia-Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-1994), especialização em Aconselhamento das Relações Familiares pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS-1997) e mestrado em Família e Sistemas Sociais pelo Instituto Superior Miguel Torga - Coimbra-Portugal (ISMT-2004), especialista em Psicologia no Trânsito (CFP-2010) e especialista em Psicologia Jurídica (CFP-2011). Trabalha desde 1996 como perita em Avaliação Psicológica no Departamento de Trânsito - DETRAN/RS. marjanesouza@yahoo.com.br;

² Curso de Psicologia. Universidade Luterana do Brasil.

³ Graduada em Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil (2015). Cursa Pós-Graduação em Avaliação Psicológica na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Concluiu curso de Aperfeiçoamento em Terapia Cognitivo-Comportamental na Wainer Psicologia Cognitiva - Porto Alegre/RS (2015). Atualmente é Psicóloga na Prefeitura Municipal de Butiá

⁴ Curso de Psicologia. Universidade Luterana do Brasil.

⁵ Graduanda de Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA);

⁶ Graduanda de Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), e filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL);

⁷ Graduanda de Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Introdução

A personalidade é equivalente a um conjunto de atributos característicos estáveis e persistentes ao longo do tempo, segundo Whitbourne (2015), pode variar de acordo com as circunstâncias. Está relacionada às características externas, aos aspectos comportamentais observáveis do sujeito, os quais captam a essência da constituição psicológica deste. A teoria do traço predominante no campo da psicopatologia é o Modelo dos Cinco Fatores que inclui traços de personalidade de neuroticismo, extroversão, abertura a experiência, sociabilidade e conscienciosidade. O ponto em que as pessoas se encaixam na teoria influencia fortemente a forma de vida destas, sendo possível perceber o quão propensas estão a experimentar eventos que possam ser negativos, porque suas características de personalidades as tornam mais vulneráveis aos estresses da vida.

A personalidade, para Sobral (2013), é definida como a dimensão psicológica do ser humano que pode ser compreendida por intermédio de uma subdivisão em outras três dimensões: dimensão afetiva, a afetividade – que envolve as emoções, os sentimentos e as sensações; dimensão volitiva, a volição – que é constituída pela vontade, o desejo e o prazer; e dimensão cognitiva, a cognição – que é o ato ou processo de conhecer, que envolve as capacidades de atenção, concentração, imaginação, juízo moral, memória, pensamento e linguagem, além das diversificadas formas de raciocínio e percepção e os tipos de inteligência.

A avaliação psicológica, de acordo com o Conselho Federal de Psicologia resolução nº 05/2012, é entendida como o processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações a respeito dos fenômenos psicológicos, que são resultantes da relação do indivíduo com a sociedade, utilizando-se, para tanto, de estratégias psicológicas. O CFP define e regulamenta o uso, a elaboração e comercialização dos testes psicológicos, como um procedimento clínico que envolvem princípios teóricos, métodos, técnicas e instrumentos, tanto para investigar a personalidade quanto para questões cognitivas, ao que cabe ao processo de avaliação psicológica. Os testes são procedimentos sistemáticos de observação e registro de amostras de comportamentos e respostas de indivíduos com o objetivo de descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos, compreendido

nas áreas emoção/afeto, cognição/inteligência, motivação, personalidade, psicomotricidade, atenção, memória, percepção, dentre outras, segundo padrões definidos pela construção dos instrumentos. Estes devem possuir referencial teórico e ter seu objetivo esclarecido assim como sua finalidade. Podem-se utilizar vários instrumentos e técnicas tais como: escalas, questionários, observações técnicas, entrevistas clínicas, técnicas projetivas entre outros, explana, portanto o conjunto de técnicas geralmente varia em função das diversas áreas de atuação da psicologia. Os resultados das avaliações devem considerar e analisar os condicionantes históricos e sociais, seus efeitos no psiquismo, com uma finalidade atuante não somente sobre o indivíduo, mas na modificação desses condicionantes que operam desde a formulação da demanda até a conclusão do processo de avaliação psicológica.

As técnicas projetivas investigam a parte invisível da personalidade, pois as pessoas projetam suas necessidades pessoais, receios e valores na sua interpretação ou descrição de um estímulo ambíguo. Entre as técnicas projetivas para a investigação da personalidade, ressalta-se o Rorschach, que segundo Vaz (2014), é um dos métodos mais aceitos entre psicólogos e um dos mais valorizados e conhecidos por profissionais de outras áreas, ocupa uma posição de destaque entre os instrumentos empregados para a avaliação da personalidade e, em muitos países, é o instrumento mais frequentemente utilizado.

Conforme Nascimento e Resende (2014) o Rorschach é um instrumento de grande confiabilidade por sua objetividade e precisão dos resultados. É um método de avaliação da personalidade, abalizado na análise das respostas dadas a estímulos pouco estruturados, que servem de alicerce para a observação dos fenômenos psíquicos relacionados com os processos de percepção, associação, projeção bem como da comunicação e da expressão verbal. Refere que a análise detalhada dos dados estruturais pode revelar vários aspectos da dinâmica da personalidade, como também da estrutura da mesma. A atenção cuidadosa às imagens temáticas pode gerar informações úteis quanto aos estados e traços de personalidade e às necessidades e preocupações subjacentes do sujeito.

A Técnica de Rorschach ou Método de Rorschach foi elaborado por Hermann Rorschach em 1921 na Suíça. Rorschach segundo Vaz (1997) é uma técnica projetiva da Psicologia Científica que consiste no uso de borrões de tinta como meio de expressão da criatividade e da imaginação do sujeito a fim de avaliar a estrutura de sua personalidade e o funcionamento de seus psicodinamismos. Através da técnica é possível avaliar seus traços de personalidade, o funcionamento de suas condições intelectuais, o nível de ansiedade básica e

situacional, a depressão e suas condições afetivas e emocionais. Fornece condições ao psicólogo de avaliar o sujeito quanto ao controle geral, à capacidade para suportar frustrações e conflitos, à adaptação ao trabalho e ajustamento interpessoal. Auxilia no diagnóstico de problemas de interferência neurológica e de perturbação ou desvio de conduta.

A confiabilidade da avaliação através do Rorschach, que pode ser chamado assim, segundo Vaz (2014) em homenagem ao sobrenome de seu criador, está diretamente relacionada a uma série de variáveis que o examinador deve conhecer durante toda a aplicação. Condições físicas, o estado ou apresentação das peças que integram o ambiente de trabalho, o estado psicológico do sujeito submetido ao instrumento e de quem o submete, o nível de ansiedade e de tensão deste sujeito, são alguns fatores que podem interferir na aplicação de qualquer teste ou técnica psicológica. Deve-se ter um cuidado especial para a aplicação confiável e bem-sucedida do Rorschach. Mesmo o Rorschach sendo uma das técnicas projetivas para avaliação da personalidade de maior aceitação e mais valorizada por profissionais, segundo Sá e Werlang (2013), são pouquíssimos os estudos com o método para avaliar a personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica.

De acordo com Santos, et. al (2014), a violência doméstica contra a mulher tem sido considerada um sério fator de risco a sua saúde mental, pelo fato de tornar suas vítimas altamente suscetíveis psiquicamente, ocasionando sérios agravos à sua qualidade de vida e ao desenvolvimento de comportamentos de risco. Além de provocar lesões físicas e sofrimento psicológico, aumenta o risco de prejuízos futuros à saúde propiciando o aparecimento de dores crônicas, distúrbios gastrointestinais, além de ansiedade, depressão e fobias, podendo vir a provocar efeitos cognitivos, emocionais e comportamentais.

A violência contra a mulher é um fenômeno multicausal e multidimensional (Fonseca, Ribeiro e Leal, 2012; Heise, 1998), no qual envolve representações sociais de mulheres vítimas, compreende de que forma a violência sofrida é interiorizada e como esta afeta e interferem em suas vidas nas esferas de convívio social, qualidade de vida, saúde mental e ocupação profissional. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012) define a violência doméstica como o comportamento em uma relação de intimidade entre cônjuges, parceiros atuais e passados, que cause danos físicos, sexuais ou psicológicos, onde se incluem: abuso psicológico, coerção sexual, agressão física e comportamentos controladores. Tal violência, geralmente, ocorre a partir da adolescência e começo da vida adulta e produz impactos negativos no bem estar social e emocional de toda a família.

Para Sánchez (2016), a violência doméstica refere-se a todo e qualquer dano físico, sexual, psicológico ou patrimonial provocado pelo cônjuge, seja ex ou atual e não necessariamente compreende pessoas que morem juntas, é preciso apenas que estas estejam envolvidas em relação íntima e pessoal. São constituídos por um padrão de comportamentos agressivos e/ou coercitivos perpetuados dentro de um relacionamento, incluem ainda condutas como: intimidações, ameaças, isolamento social forçado, dominação sexual, econômica ou espiritual até abuso físico ou psicológico. Este tipo de violência está presente nas diversas regiões do Brasil segundo Sampaio e Aquino (2013), e sua denominação passou a ser difundida para que pudesse ser falada e discutida já que as estatísticas são extremamente elevadas.

No Brasil foi sancionada a Lei nº 11.340 que vigora desde 07 de agosto de 2006, conhecida como “Lei Maria da Penha” criada com mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica dos mais variados tipos. A Lei prevê cinco tipos de agressões contra a mulher (violência física, violência sexual, violência moral, violência psicológica e violência patrimonial) e apresenta medidas de proteção para a vítima, afasta o homem do ambiente familiar, permite o rigor nas punições contra as agressões sofridas pelas mulheres e que o agressor seja preso quando este ameaçar a integridade física da mulher. Considera-se violência doméstica as que ocorrem no âmbito doméstico e familiar e não somente as que deixam marcas físicas resultando em lesões graves ou até morte, mas também as que oprimem e geram danos psicológicos e morais, deixando desprotegidas as vítimas dentro de seu próprio domicílio onde deveriam sentir-se seguras (BRUM ET. AL, 2013; ZANCAN, WASSERMANN e LIMA, 2013).

Buscando compreender as raízes da violência, Zancan, Wassermann e Lima (2013) apontam alguns motivos pelos quais muitas mulheres não prestam queixa contra o agressor: sentimento de culpa, vergonha, por repetir um padrão de funcionamento familiar (ter sofrido ou presenciado situações de violência na sua família de origem durante sua infância ou adolescência). Para o autor, alguns fatores são considerados desencadeadores das situações de agressão e violência de homens contra as mulheres, os quais ocorrem por motivos de ciúmes (desconfiança dentro da relação), uso de álcool por parte do agressor, atrelada ao poder de uma pessoa sobre a outra, tendo como base as desigualdades de gênero presente em todas as relações humanas, sendo o homem na maioria dos casos o autor da violência e a mulher a vítima que sofre as agressões.

Quando se fala em violência contra mulher, Cunha e Queiroz (2014) referem-se à problemática de gênero que corresponde às imagens que a sociedade constrói do masculino e do feminino. O termo violência de gênero para McCloskey (2016) aplica-se ao abuso sexual ou físico de grupos visados por seus papéis de gênero e ocupam uma posição inferior de status social ou poder. Exemplos de violência baseada no gênero incluem: abuso sexual em todo o ciclo de vida e violência por parceiro íntimo.

É um conceito histórico, que parte do princípio que as desigualdades entre os sexos são impostas por uma tradição cultural, fundamentada na estrutura de poder. A violência familiar ocorre no interior do domicílio ou até fora, tem caráter simbólico do poder-dominância. É comum a constatação dos ciclos de saída e entrada na relação violenta, os quais podem ser interpretados como passividade, no entanto, esse comportamento não pode ser evidenciado como ato de consentimento e cumplicidade para com os agressores. As diferenças sexuais são fomentadas e utilizadas para justificar a sujeição das mulheres pelos homens, o que representa fundamentalmente o caráter social das distinções baseadas no sexo e nas relações de poder.

A violência contra meninas e mulheres, segundo McCloskey (2016), é generalizada, afetam a saúde e a liberdade reprodutiva. Mulheres em relacionamentos abusivos passam a ter suas vidas controladas pelo agressor, não possuem mais o domínio sobre o seu próprio corpo, inclusive sobre quando querem engravidar.

As mulheres vítimas de violência doméstica, segundo Sá (2011) têm dificuldades para manifestar os seus sentimentos, tendendo a evitar as vivências emocionais, principalmente nas situações potencialmente estressoras. Possuem problemas de ordem psicológica, com uma autocrítica precária, apresentando déficits nos seus relacionamentos o que causa dificuldades e fracassos nas relações interpessoais, bem como em situações comuns do cotidiano.

A violência psicológica sofrida pela mulher, para Griebler e Borges (2013) tem deixado marcas profundas em seu psiquismo, causando sentimento de tristeza, culpa, sobrecarga de estresse, agressividade, insegurança, baixa autoestima, medo, desamparo isolamento social, nervosismo e esquecimentos, ocasionando sérios agravos à sua qualidade de vida. O autor ressalta a necessidade dos profissionais da rede de proteção possuir uma maior compreensão dos motivos que levam a mulher a denunciar a violência sofrida, dos sentimentos envolvidos neste ato. O contexto social e familiar, o fato de não ter obtido êxito

na relação e a dependência afetiva/emocional/financeira interferem diretamente no momento da decisão por denunciar ou não o agressor.

O Observatório de Violência contra as Mulheres da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul registrou, no ano de 2014, 25.298 casos de mulheres que sofreram agressão com lesão corporal, em ocorrências relacionadas à Lei Maria da Penha. Este mesmo órgão em pesquisa compreendida entre janeiro e setembro de 2015, apontou a ocorrência de 17.775 casos de violência doméstica em que houve lesão corporal, evidenciando uma diminuição considerável na comparação com o mesmo período de 2014 onde as ocorrências foram de 18.369. Já em relação ao feminicídio, houve um acréscimo, de 53 para 64 casos. Ainda em pesquisa específica sobre o feminicídio, o Observatório apurou que no período de janeiro a junho de 2015, 40 mulheres foram mortas por companheiros ou ex-companheiros e que apenas 17% das vítimas possuíam medidas protetivas de urgência.

No Brasil, a cada quatro minutos uma mulher é vítima de violência doméstica, as agressões tendem a ser recorrentes e cíclicas e na maior parte dos casos levam-se anos até que uma dessas mulheres procure por qualquer tipo de ajuda. Mulheres vítimas de violência doméstica tendem a apresentar características de personalidade semelhante, como maior dificuldade de manifestar seus sentimentos, evitam vivências emocionais e possíveis situações de estresse, possuem dificuldade de autocrítica e problemas de ordem psicológica. Para Sá e Werlang (2013) apresentam também comprometimento das relações interpessoais e culpabilidade como se merecessem as agressões sofridas. Ainda de acordo com os autores é sabido que sofrer violência doméstica causa uma série de transtornos às vítimas, dentre eles os de personalidade, no entanto, são poucos os estudos que relacionam os dois temas.

Toda pesquisa na área é de extrema relevância por contribuir com dados que proporcionarão informações sobre os traços de personalidade dessas mulheres, pois seria possível identificar fatores relacionados à vulnerabilidade e ao risco das mulheres que sofrem maus tratos domésticos seguirem envolvendo-se em relações danosas e abusivas.

Processos Metodológicos

Participantes

Participaram desta pesquisa quatro mulheres que sofreram violência doméstica e que buscaram os serviços da Clínica–escola do curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil – Campus São Jerônimo, com idades variando entre 27 e 45 anos, com diferentes níveis de escolaridade, profissões de doméstica e catadora, sendo duas sem profissão, habitantes do interior do estado do Rio Grande do Sul – Brasil.

Instrumentos

O método de Rorschach consiste em 10 cartões com manchas de tintas, subdivididos em cores, sendo algumas delas em preto e branco (acromáticos), outras em preto e vermelho e ainda outras coloridas (cromáticos) (RORSCHACH, 1967).

A fase da aplicação propriamente dita, os cartões são apresentados em ordem determinada de I a X ao examinando que é convidado a relatar o que as manchas lhe sugerem, o que elas lhe fazem lembrar (VAZ, 1997/2014). O examinador registra meticulosamente as respostas emitidas, bem como os tempos de reação e de duração. De acordo com o autor, também há necessidade de anotar entre parênteses as expressões não verbais, pois são fundamentais para o fechamento do diagnóstico. No segundo momento, ocorre a fase do inquérito, nessa fase o examinador apresenta novamente os cartões e lê as respostas dadas pelo examinado, e com uma folha de localização (que contém as 10 manchas) situa as respostas nas manchas, identificando os conteúdos e o que influenciou no processo perceptivo-associativo.

Procedimentos para coleta de dados

Logo após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Luterana do Brasil, que recebeu o parecer favorável conforme nº 853.167 em 29 de outubro de 2014, foi estabelecido contato com a Clínica-escola do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil – Campus São Jerônimo, a qual já possuía ciência da pesquisa e comprometimento no auxílio do desenvolvimento da mesma, para que se iniciassem os contatos com as usuárias. Com o comparecimento da vítima no horário estabelecido, foram explicados os procedimentos e objetivos da pesquisa, após foi realizado o rapport e apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fornecida uma cópia para a participante e outra para o pesquisador. Os dados foram coletados em dias alternados, através da aplicação individual do Rorschach, nas dependências da Clínica-escola no mês de maio do ano de 2015, pois para aplicação do Rorschach são necessários alguns aspectos ambientais específicos, como iluminação natural, móveis padronizados quanto ao tamanho e disposição na sala, cores neutras.

Procedimentos para análise de dados

Os protocolos foram analisados através do Sistema de Kloper (1952), utilizando como referência os indicadores proposto por Vaz (1997/2014), para os dinamismos da personalidade, utilizando as linhas básicas dispostas na tabela a seguir para fechamento da interpretação:

Dinamismos da personalidade	Conceito	Identificado por
Condições intelectuais	Verifica as condições da participante quanto à visão de conjunto, capacidade de análise, percepção da realidade.	Percentuais de G, D e Dd.
	O tipo de inteligência, se criativo, repetitivo ou inibido.	Procurando combinar M com G e DG, se houver, e F.
Capacidade de adaptação e de relacionamento humano	Verifica se a pessoa tem boas condições de relacionamento, se possui capacidade de adaptação ao meio ambiente.	Através de M, M ⁺ %, FC, as proporções M:FM e FC:CF+C.

Controle de relações impulsivas e emocionais	Se as defesas estão ou não prejudicando o seu relacionamento: controle, intelectualização e resistência. Verifica se há elementos que indiquem que o indivíduo é capaz de liberar impulsos e emoções adequadamente.	Através de F%, FK. F% como expressão do controle geral sobre: M – espontaneidade, funções do <i>self</i> , do ego e criatividade; FM – expressão dos impulsos e dos instintos; FC – liberação dos sentimentos e reações afetivas; CF+C – reações emocionais soltas e livres.
Capacidade de suportar conflitos e tensões	Verifica se a pessoa é capaz de se conflitar, se consegue suportar e resolver os conflitos e tensões.	Através do sombreado: k, kF, Fk, m, mF, Fm, F%, e conteúdos disfóricos.
Capacidade de autocrítica e poder de reparação	Verifica se o sujeito é capaz de através da introspecção fazer autocrítica adequada e de se deprimir para assim ser capaz de atos reparatórios.	Através de FK, FC, FC', F%, M, F+%.
Elementos comprometedores de personalidade	Procura identificar elementos comprometedores, compatíveis com transtorno neurótico, esquizofrênico, da personalidade de conduta ou de interferência orgânico cerebral no sistema nervoso central com prejuízo na personalidade.	Identificado por meio das características de personalidade evidenciadas através dos itens que compõe os dinâmismos da personalidade.

Resultados

Os resultados foram obtidos através de um esquema básico proposto por Vaz (1997/2014) onde a classificação ocorreu por meio de indicadores do teste de Rorschach que avalia os dinâmismos da personalidade das seguintes áreas: a) condições intelectuais; b) capacidade de adaptação e de relacionamento humano; c) controle de reações impulsivas e emocionais; d) capacidade para suportar conflitos e tensão; e) capacidade de autocrítica e poder de reparação e f) elementos comprometedores de personalidade.

No que diz respeito às **condições intelectuais**, que não oferece uma avaliação psicométrica da inteligência, mas permite o entendimento do funcionamento da inteligência, dizendo respeito à capacidade de percepção da realidade, habilidades intelectivas e o tipo de inteligência. M1 apresentou adequada percepção da realidade, inteligência objetiva com

ampla capacidade de compreensão do mundo ao seu redor e é capaz de constituir recursos a serem utilizados como estratégias de enfrentamento funcionais; M2 apesar de possuir uma percepção da realidade deficiente é capaz de compreender o mundo ao seu redor através de sua inteligência objetiva, no entanto tem prejuízos diante da tomada de decisão; M3 e M4 apresentam percepção da realidade deficiente e prejudicada, habilidades intelectivas inibidas com incapacidade de interagir e utilizar novos conceitos e informações para adaptar-se com o meio externo e em novas situações existenciais.

Em relação à **capacidade de adaptação e de relacionamento humano**, todas as participantes da pesquisa possuem pouca capacidade de adaptação por condições depressivas, bem como os relacionamentos interpessoais prejudicados.

Quando se trata do **controle de reações impulsivas e emocionais**, M1 e M4 mostram-se precisas, coerentes e organizadas, enquanto M2 e M3 possuem pouco ou nenhum controle sobre suas emoções e impulsos. Todas as participantes possuem traços psíquicos, que causam sentimento de tristeza, estresse, agressividade, insegurança, baixa autoestima, isolamento social e culpa.

Ao averiguar a **capacidade para suportar conflitos e tensões**, M1 apresenta controle demasiado dos afetos e emoções, enquanto M2, M3 e M4 não são capazes de se conflitar, tampouco conseguem suportar tensões.

Na **capacidade de autocrítica e poder de reparação**, M1 através da introspecção é capaz de fazer autocríticas adequadas. No entanto M2, M3 e M4 reagem de forma precária ou mesmo não possuem capacidade de autocrítica ou poder de reparação devido a um prejuízo de espontaneidade.

Os elementos comprometedores de personalidade compreendem os transtornos neuróticos, esquizofrênicos, da personalidade de conduta ou de interferência orgânico-cerebral no sistema nervoso central com prejuízo na personalidade, etc. Todas as participantes possuem algum transtorno interligado a estruturas repressivas e traços depressivos de personalidade. Conforme a interpretação dos resultados segundo Vaz (1997/2014), M1 foi identificada com características do Transtorno de Identidade de Sexo e de Gênero. M2 e M3 apresentam, de acordo com a interpretação dos resultados, características de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). E por fim, em M4 possui, características do Transtorno Obsessivo Compulsivo.

Discussão dos Resultados

No que diz respeito às condições intelectuais, estas se referem à visão de conjunto incluindo a capacidade de análise, percepção da realidade e o tipo de inteligência (se criativo, repetitivo ou inibido), variáveis as quais ajudam a entender o funcionamento das mulheres vítimas de violência doméstica. M1 e M2 apresentam inteligência objetiva, que para Sobral (2013) é um “potencial inato” a ser desenvolvido de acordo com a personalidade, o meio ambiente e o contexto socioeconômico e histórico-cultural do sujeito. Os fatores ambientais como superpopulação, ruídos, desorganização emocional e social, tensão, mudanças constantes, problemas nutricionais e estrutura familiar afetam diretamente a capacidade da pessoa em desenvolver seu potencial de inteligência, estes são agentes determinantes para a viabilização e canalização do potencial inato da pessoa, pois o meio social desempenha um papel importantíssimo no processo de estimulação e ativação da inteligência, no sentido de transformá-la em habilidades,

Apesar do contexto em que M1 está inserida, a violência doméstica, provavelmente essa habilidade ainda não foi afetado, sendo capaz de utilizar estratégias de enfrentamento funcionais. Já M2 apesar de sua inteligência objetiva, de acordo com os resultados, possui habilidades intelectivas prejudicadas uma vez que não identifica novas situações de risco e apresenta sérias dificuldades de tomar decisões a fim de revolver problemas.

Ainda segundo Sobral (2013) deve haver um consenso entre o potencial a ser desenvolvido e a estimulação recebida, dois aspectos que quando conectados levam o sujeito a desenvolver o conjunto das suas habilidades cognitivas. Essas habilidades estão ligadas a capacidade lógica, de abstração, planejamento, compreensão e resolução de problemas; são justamente essas as deficiências de M3 e M4 que possuem habilidades intelectivas inibidas e dificuldades em sua funcionalidade e adaptabilidade com o meio externo, dessa forma estão sujeitas a não reconhecerem futuros agressores, dentro do contexto sociocultural em que vivem, bem como não identificar novas agressões que representem qualquer tipo de violência contra a mulher.

A percepção é uma função cognitiva que se constitui de processos pelos quais o sujeito é capaz de reconhecer, organizar e dar significado a um estímulo vindo do ambiente através dos órgãos sensoriais. Assim ocorre o ciclo percepção-ação envolvendo a integração do indivíduo com o ambiente o que possibilita a troca de informações. Pelo fato de M1

apresentar adequada percepção da realidade, pode-se dizer que esta será capaz de perceber novas situações de violência doméstica, reconhecendo futuros atos ou agressores, no entanto M2, M3 e M4 ao demonstrarem percepção da realidade deficiente e prejudicada, seriam incapazes, através da transferência da informação do passado para o futuro e da percepção para a ação construir um *percepto* resultante do confronto com as experiências passadas e com o contexto sociocultural em que vivem, logo seriam incapazes de perceber os estímulos fornecidos pelo ambiente que caracterizam uma situação de risco (TONIETTO et.al., 2011).

Em relação à capacidade de adaptação e de relacionamento percebe-se que todas as participantes da pesquisa possuem pouca capacidade de adaptação por condições depressivas, bem como os relacionamentos interpessoais prejudicados. Enfrentam a realidade por meio de isolamento como uma maneira de proteção devido às circunstâncias em que vivem. Desenvolvem a possibilidade de somatizar os traumas, tornando-as muitas vezes excêntricas e obsessivas, prejudicando a qualidade de vida devido ao doloroso sofrimento psicológico em que se encontram. Esses dados são confirmados pela autora Santos, et. al (2014) que faz referência a violência doméstica contra a mulher, que tem sido vista como um grave risco à saúde mental, pelo fato de torná-las vítimas altamente vulneráveis psiquicamente, ocasionando sérios danos à qualidade de vida e desenvolvendo, muitas vezes, um comportamento de risco. Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) confirmam que a violência sofrida é interiorizada, afetando e interferindo no convívio social, qualidade de vida, saúde mental e ocupação profissional, e também comprometem as relações interpessoais (SÁ E WERLANG, 2013).

Quanto ao controle de reações impulsivas e emocionais, M1 e M4 apresentam controle de suas emoções e são capazes de buscar auxílio, o que para Gonzagal e Monteiro (2011), ressalta a importância do autoconhecimento, ou seja, a soma das capacidades de percepção, geração, compreensão e controle. Possuir uma visão interna mais detalhada e realista de si mesmo proporciona ao indivíduo um aparato emocional mais exato e reações mais adequadas e positivas aos agentes externos causadores ou produtores de emoções e sentimentos, o que viabiliza a solidificação da visão e contribui para uma postura mais consistente favorecendo a construção de um perfil mais sociável e condizente com as características pessoais de cada indivíduo. Logo essas entrevistadas conseguem lidar com episódios de estresse e manterem-se organizadas diante de situações de risco. Já M2 e M3 não possuem esse controle, pois esse estado afetivo originado pela reação do sujeito de forma consciente ou inconsciente, mediante

estímulos internos ou externos causaram alterações no funcionamento individual, trazendo sofrimento, tristeza, estresse, insegurança, baixa autoestima, isolamento social e culpa, marcas psíquicas que induzem a prejuízos na qualidade de vida e relacionamentos; implicando diretamente em suas capacidades de identificar os próprios sentimentos e os dos outros, além de empregar as informações de ordem emocionais que facilitem o pensamento e o raciocínio.

O prejuízo cognitivo, psíquico e comportamental, segundo Griebler e Borges (2013) faz com que as participantes não consigam denunciar ou sair dessa relação de violência. Os sentimentos que prevalecem e as rodeiam principalmente a culpabilidade, medo e vergonha, levam-nas a situações de isolamento, fazendo com que estas permaneçam no ambiente violento dificultando que ocorra uma mudança na forma de reagir para dar fim ao sofrimento.

Quanto à capacidade para suportar conflitos e tensões, M1 apresenta controle demasiado dos afetos e emoções, reprimindo seus impulsos, por isso é capaz de lidar com episódios estressores, podendo buscar recursos e auxílio fora do ambiente domiciliar, reconhecendo situações de risco e violência. Em contrapartida, M2, M3 e M4 não apresentam essas condições, não sendo capazes de agir diante da agressão, permanecendo sem reação frente à violência sofrida, seja esta direta ou indireta, verbal, física ou psicológica.

Sabe-se que a violência, de modo geral, segundo Santos, et. al (2014) é considerada fator de risco não só à saúde física da vítima, mas também à mental e emocional da mesma, se esta não dispor de uma rede de apoio adequada que possa lhe prestar assistência quando necessário. De acordo com Griebler e Borges (2013), a violência psicológica no âmbito doméstico sofrida pela mulher deixa vestígios em seu psiquismo, causando sentimento de culpa, insegurança, baixa autoestima, medo, tristeza, nervosismo e esquecimentos, ocasionando queda significativa à sua qualidade de vida.

Na capacidade de autocrítica e poder de reparação percebe-se que M1, graças a sua introspecção é capaz de fazer autocríticas adequadas, capacidade que foi preservada apesar da situação de conflito que enfrenta. Não possui comprometimento na capacidade de percepção da realidade e por isso através da introspecção consegue organizar-se e reparar qualquer dano eventual. No entanto M2, M3 e M4 reagem de forma precária ou mesmo não possuem capacidade de autocrítica ou poder de reparação devido a um prejuízo de espontaneidade. Pelo fato de possuírem uma visão distorcida da realidade, suas capacidades de introspecção e autocrítica foram seriamente comprometidas, logo o poder de reparação de qualquer dano

eventual será também prejudicado. Para Sá (2011) estes são sintomas comuns em mulheres que sofrem violência doméstica, pois acarreta os mais distintos problemas de ordem psicológica, com uma autocrítica precária e relações interpessoais fracassadas. Segundo Griebler e Borges (2013) a violência doméstica deixa marcas profundas no psiquismo feminino, causando sentimento de tristeza, culpa, sobrecarga de estresse, agressividade, insegurança, baixa autoestima, medo, desamparo isolamento social, nervosismo e esquecimentos, ocasionando sérios agravos à sua qualidade de vida.

Dentro dos elementos comprometedores o objetivo é encontrar indicadores que evidenciem algum prejuízo à personalidade das participantes, no entendimento de Sá e Werlang (2013), as vítimas de violência apresentam características de personalidade semelhantes e sofrer a violência causa sérios danos, sendo um deles os transtornos de personalidade.

A personalidade é conjunto de atributos característicos estáveis e persistentes ao longo do tempo que segundo Whitbourne (2015), pode variar de acordo com as circunstâncias. Está relacionada às características externas, aos aspectos comportamentais observáveis do sujeito, os quais captam a essência de sua constituição psicológica. A violência doméstica é um evento negativo, que torna a personalidade mais vulnerável aos estresses da vida. Vaz (1997/2014) utilizou-se da interpretação dinâmica do Rorschach levando em consideração os critérios de diagnóstico do DSM III E DSM IV para a classificação dos transtornos de personalidade. Em relação a esta pesquisa, todas as participantes apresentaram estruturas rígidas, reprimidas e depressivas de acordo com a interpretação dos dados segundo o autor.

Foram identificadas características de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) em M2 e M3. Dentro dos critérios adotados pelos DSM III e DSM IV, o TAG condiz com o sujeito com condições afetivas inadequadas para a integração humana, influência do medo, tensão ansiogênica, sentimentos de insegurança e falta de condições para tolerar frustrações.

Segundo o Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais - DSM V (2014) o indivíduo com TAG tem dificuldade de controlar a preocupação e de evitar que pensamentos preocupantes interfiram na atenção às tarefas diárias da rotina de vida. M2 e M3 apresentam sofrimento subjetivo devido à preocupação constante e prejuízo relacionado ao funcionamento social e em outras áreas das suas vidas, com influência de medo e de tensão

nos sentimentos de insegurança que se mobilizam e se intensificam, impedindo-as de terem reações comportamentais e atitudes adequadas.

A entrevistada M1 foi identificada com características do transtorno de identidade de sexo e de gênero. Indivíduos do sexo feminino apresentam dificuldades em relação ao à figura paterna internalizada, ou seja, não aceitar essa figura e ao mesmo tempo, estar assumindo o seu papel; dificuldade em relação aos papéis femininos, medo de se expor, dificuldades de relacionamento, cautela e defesa paranóide.

Entretanto o Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM V, 2014) a partir desta última versão passa a usar o termo “disforia de gênero” nos casos em que há uma incongruência acentuada entre a própria experiência de gênero e sexo do nascimento. Nem sempre a discrepância entre a experiência de gênero e as características físicas sexuais é acompanhada pelo desejo de livrar-se das características sexuais primárias. É comum que se adote o comportamento, as vestimentas e os maneirismos do gênero experimentado, podem encontrar outras formas de solucionar a incongruência entre os gêneros, vivendo parcialmente o papel desejado ou adotando um que não seja convencionalmente masculino nem feminino.

E por fim, M4 foi identificada com características do Transtorno Obsessivo Compulsivo. Este sujeito apresenta controle demasiado das reações impulsivas e da espontaneidade causando integração humana inadequada, excesso de crítica, instabilidade interna não conseguindo adaptar-se às mudanças, perfeccionismo e persistência.

De acordo com DSM V o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) se caracteriza pela presença de obsessões, como pensamentos repetitivos e persistentes, imagens ou impulsos e de compulsões como comportamentos repetitivos ou atos mentais. As obsessões nunca são prazerosas ou voluntárias, são intrusivas e indesejadas e causam acentuado sofrimento ou ansiedade. De acordo com a interpretação do Rorschach, M4 apresenta controle demasiado sobre a espontaneidade, as reações emocionais e sobre a liberação de impulsos, controlando intelectualmente as reações, porém de forma inadequada, não permitindo ser espontânea na liberação dos sentimentos e afetos e, em consequência, é incapaz de integração humana adequada. Tem o pensamento lógico prejudicado por fatores ou razões de ordem situacional tensional, sinal de que se defendem do sofrimento e da tensão.

Sendo assim, todas as mulheres vítimas de violência participantes desta pesquisa, apresentam algum tipo de prejuízo na personalidade, no entanto não é possível dizer se esses prejuízos são anteriores ou posteriores à violência doméstica sofrida. Por ser uma pesquisa

qualitativa composta por uma amostra referente a quatro sujeitos, não é possível dizer que outras mulheres que sofreram violência doméstica também possuem transtornos de personalidade, no entanto, segundo Sá e Werlang (2013) sofrer violência doméstica é um meio de desenvolver transtornos de personalidade, porém, são poucos os estudos que relacionam os dois temas.

Conclusões

As características de personalidade das mulheres vítimas de violência doméstica são componentes suscetíveis de vulnerabilidade. Esta pesquisa proporcionou compreender algumas características de personalidade das mulheres vítimas de violência e de que forma a agressão é interiorizada, afeta e interfere em suas vidas nas esferas de convívio social, qualidade de vida e saúde mental.

A violência sofrida pelas participantes apresenta-se através de marcas psíquicas e prejuízos que envolvem sentimentos de tristeza, estresse, insegurança, agressividade, culpabilidade, baixa autoestima, medo e tensão, que se mobilizam e se intensificam impedindo-as de terem reações comportamentais e atitudes adequadas o que ocasiona o agravamento da violência sofrida. Os danos afetam a totalidade individual, estes abrangem dificuldades tanto em sua funcionalidade como adaptabilidade com o meio externo, devido a pouca capacidade de lidar com episódios estressores.

O sofrimento psíquico das mulheres submetidas à violência parece ter contribuído para uma dependência emocional, uma vez que o ato pode acontecer sutilmente sem deixar evidências. Foi possível identificar que as participantes enfrentam a realidade por meio de isolamento, como uma maneira de proteção devido às circunstâncias em que vivem. Estas permanecem no ambiente violento, o que reforça as atitudes de submissão levando a vítima a sujeitar-se às diversas formas de violência. Consequentemente o ciclo de relacionamento diminui, sendo assim dificulta a busca de recursos e auxílio fora do ambiente domiciliar o que piora a qualidade de vida e favorece o desenvolvimento de comportamentos autodestrutivos. Dessa forma existiu um impedimento quanto à tomada de decisão e resolução do problema para que ocorressem mudanças de adaptação a novas situações de risco.

Estruturas repressivas e traços depressivos de personalidade foram encontrados, nas quatro participantes de pesquisa, outros dados apontaram elementos compatíveis ao Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno de Identidade de Sexo e de Gênero, Transtorno Obsessivo Compulsivo. Conclui-se que todas as mulheres vítimas de violência que foram examinadas, apresentam algum tipo de prejuízo na personalidade.

Em relação ao estado psicológico dessas mulheres cabe uma compreensão mais acurada que pode auxiliar em programas de intervenção mais efetivos que possam contribuir na elaboração de estratégias mais eficazes que visem o acompanhamento psicológico e favoreça o fortalecimento das vítimas para que reconheçam à situação de violência e possíveis agressores.

Conhecer as características de personalidade das mulheres vítimas de violência é fundamental na prevenção de novas situações de risco e agravos, no entanto fica o questionamento se os transtornos identificados são anteriores a violência doméstica sofrida, ou seja, já eram características de personalidades dessas mulheres ou se a violência é o fator desencadeante dos referidos transtornos; tema esse que pode ser desenvolvido em pesquisas futuras. Outra questão de grande relevância é a existência e funcionamento adequado das redes de apoio que visem implantar políticas de acolhimento e proteção às vítimas e que possibilite um trabalho psicológico e social com estas. A rede acessada deve estar fortalecida o suficiente para lhes dar o suporte necessário e essencial, evidenciando a retirada destas do ambiente violento e do contexto que lhe cause maior dependência.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM V*. (5ª Ed). Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRUM, C.R.; Et. al. *Violência Doméstica e Crenças: Intervenção com Profissionais da Atenção Primária à Saúde*. Psicologia em Pesquisa, UFJF, V.7, n 2, pág 242-250,2013. Acesso dia 11 de maio de 2015. Disponível em: [//www.ufjf.br/psicologiaempesquisa/files/2013/12/v7n2a11.pdf](http://www.ufjf.br/psicologiaempesquisa/files/2013/12/v7n2a11.pdf)

Conselho Federal de Psicologia. *Resolução CFP nº 005/2012*. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 002/2003. Acesso dia 24 de abril de 2016. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2013.

CUNHA, A. C.; QUEIROZ, L. M. C. A violência doméstica nos tribunais: análise das questões de gênero presentes nas sentenças judiciais, 2014. Acesso em 28 de abril, 2016. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT3_Ana%20Cl%C3%A9o%20da%20Cunha%20Laurindo;%20Marisse%20Costa%20de%20Queiroz.pdf

FONSECA, D. H. da; RIBEIRO, C. G.; Leal, N. S. B. *Violência Doméstica contra a mulher: Realidades e Representações Sociais*. Psicologia & Sociedade, João Pessoa, 2012. 24, p. 307-314. Acesso dia 10 de outubro de 2015. Disponível em: www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf

GONZAGAL, A. R.; Monteiro, J. K. Inteligência Emocional no Brasil: *Um Panorama da Pesquisa Científica*, 2011. Acesso dia 30 de abril de 2016. Disponível em: http://revista.seune.edu.br/index.php/op/article/viewFile/12/pdf_2
Abr-Jun 2011, Vol. 27 n. 2, pp. 225-232

GRIEBLER, C. N.; BORGES, J. L. *Violência Contra a Mulher: Perfil dos Envolvidos em Boletins de Ocorrência da Lei Maria da Penha*. Psico, Porto Alegre, 2013. 44, 215-225. Acesso dia 27 de outubro de 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/11463/964>

HEISE, L. L. "Violence against women: an integrated framework". *Violence against women*, v. 4, n. 1, 1998, p. 262-290. Disponível em: <Disponível em: <http://vaw.sagepub.com/content/4/3/262.short> >. Acesso em: 29 set. 2016. [[Links](#)]

BRASIL. *Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006*. Dispõe sobre a criação dos juzizados de violência doméstica e familiar contra a mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.html. Acesso em 25 de outubro de 2015.

McCloskey, L. A. *The Effects of Gender-based Violence on Women's Unwanted Pregnancy and Abortion*. *Yale Journal of Biology and Medicine* ;v. 89; n. 2; pág 153-9,2016. Estados Unidos. Acesso dia 23 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4918882/?tool=pubmed>

NASCIMENTO, R. S. G. F. do; RESENDE, A. C. *O estudo da personalidade por meio do método de Rorschach (Sistema Compreensivo)*. Revista Especialize On-line IPOG. (8ª ed); 2014. Acesso dia 10 de setembro de 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows%207/Downloads/o-estudo-da-personalidade-por-meio-do-metodo-de-rorschach-sistema-compreensivo-1883121.pdf>

RORSCHACH, H. *Psicodiagnóstico*. São Paulo: Editora Mestre Jou. Say. Psychotherapy, 1967.

SÁ, S. D; Werlang, B. S. G. *Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura*. Contextos Clínicos, Porto Alegre, v.6, pág. 106-116, 2013.

Acesso dia 22 de outubro de 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v6n2/v6n2a05.pdf>

SÁ, S. D. *Características Sociodemográficas e de Personalidade de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Acesso em 04 de abril de 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/733/1/429854.pdf>

SAMPAIO, R. O.; AQUINO, G. B. de. *Perfil das mulheres vítimas de violência doméstica de uma cidade do interior da Zona da Mata Mineira*. Revista Científica da FAMINAS, v.9, pág115-131,2013. Acesso dia 11 de maio de 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows%207/Downloads/cincias-humanas-e-sociais-aplicadas.pdf>

SÁNCHEZ, G. A. *Violencia de pareja y la responsabilidad del personal de salud*. Med. leg. Costa Rica v.33, n.1, 2016. Acesso dia 23 de setembro de 2016. Disponível em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-00152016000100133

SANTOS, K. M. M. S. dos; Et al. *A Violência Doméstica Contra a mulher por companheiro e a Lei Maria da Penha*. Cadernos de Graduação Ciências Humanas e Sociais, UnitAracaju, v.1, pág 79-86, 2014. Acesso dia 10 de outubro de 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows%207/Downloads/1259-4532-1-PB.pdf>

BRASIL. Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul. *Observatório de Violência contra as Mulheres da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Relatório Lilás*. Rio Grande do Sul, RS: Secretaria de Segurança Pública.

Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul. *Observatório de Violência contra as Mulheres da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul*. Rio Grande do Sul, RS: Secretaria de Segurança Pública, 2015.

SOBRAL, O. J. – Inteligência Humana Concepções e Possibilidades. *Revista Científica FacMais*, Volume. III, Número 1. Ano 2013/1º Semestre. ISSN 2238-8427. Acesso em 13 de maio de 2016. Disponível em <http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2013/05/3>.

TONIETTO, L.; Et. al. Interfaces entre funções executivas, linguagem e intencionalidade. Acesso dia 29 de abril de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n49/12.pdf>, Vol. 21, No. 49, 247, 2011.

VAZ. C. E. *O Rorschach: Teoria e Desenvolvimento*. (3 ed). São Paulo: Manole Ltda, 1997.

VAZ. C. E. *O Rorschach: teoria e desempenho II: sistema Klopfer*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

WHITBOURNE, S. *Psicopatologia*. Perspectiva clínicas dos transtornos psicológicos. (7ª ed). Porto Alegre: AMGH, 2015.

ZANCAN, N.; Wassermann, V.; Lima, G. Quadros de. *A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas*. Pensando Famílias, n.17, pág. 63-76, 2013 Acesso dia 09 de maio de 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v17n1/v17n1a07.pdf>

KLOPFER, B. Técnica del Psicodiagnostico del Rorschach: Método Proyectivo para el Diagnóstico de la Personalidad. Buenos Aires: Paidós, 1952.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência*. Tradução: B&C Revisão de Textos Ltda – ME. Genebra: OMS; 2012. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf. Acesso em 04/10/2016



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SOUZA, marjane B.; SILVA, maria Fernanda S. da; TAVARES, Renata N.; SOUZA, Natasha F. de; RIVAS, Bruna, M.B.; COSTA, Clíssia N.M.; CARVALHO, Joice L. de. Características de Personalidade das Mulheres Vítimas de Violência Doméstica. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, 2018, vol.12, n.39, p.552-572. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 02.01.2018

Aceito: 11.01.2018